

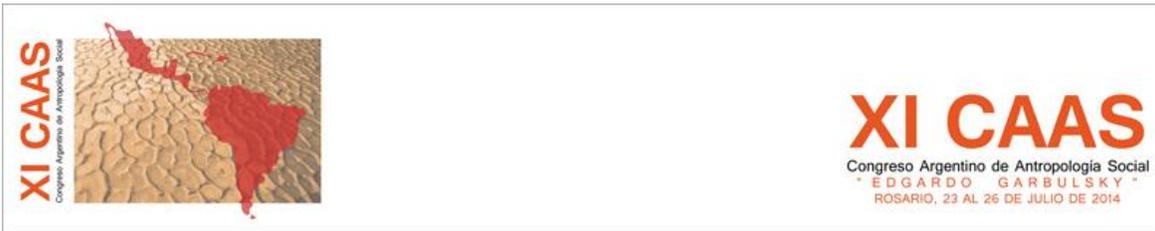
# La muerte y la noción de persona para la Conscienciología.

Josué Felipe Silva, Maia.

Cita:

Josué Felipe Silva, Maia (2014). *La muerte y la noción de persona para la Conscienciología. XI Congreso Argentino de Antropología Social, Rosario.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-081/1070>



## **XI Congreso Argentino de Antropología Social**

**Rosario, 23 al 26 de Julio de 2014**

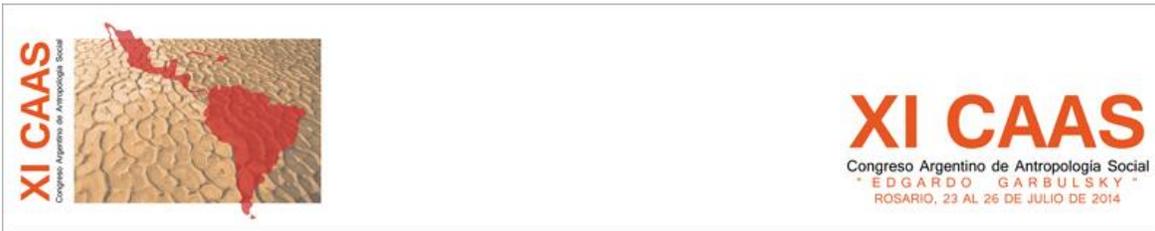
**MUERTE, MORIR, SOCIEDAD Y CULTURA: DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES HACIA UNA REFLEXIÓN HOLÍSTICA**

**LA MUERTE Y LA NOCIÓN DE PERSONA PARA LA CONSCIENCILOGIA.**

**Josué Maia. Universidade Federal de Sergipe.**

**1**

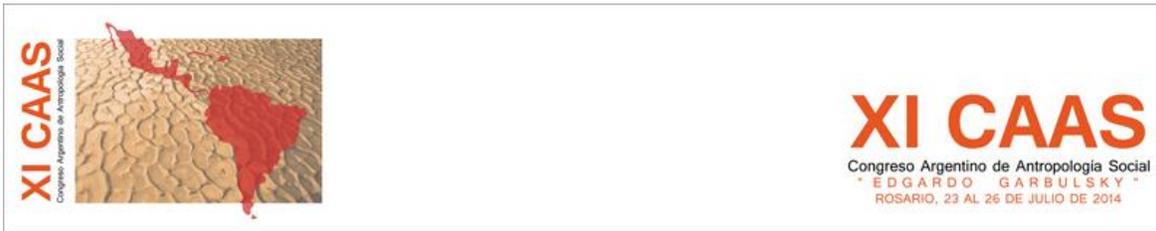
---



A escatologia, desde seu fundamento etimológico, diz respeito ao conhecimento das coisas últimas. Dois sentidos do termo têm interessado às ciências – um primeiro que seria relativo ao fim dos tempos, “ao fim da Terra e do Céu” (GLEISER, 2001) e um segundo que diria respeito às representações relativas ao destino pós-morte dos indivíduos. Este último significado é o que interessa, em termos gerais, à Antropologia da Morte.

Cunha (1978), diante da diversidade de versões que encontrava a escatologia entre os Krahó, propôs analisá-las a partir de seus matizes a fim de apontar possíveis estruturas comuns subjacentes a todas elas. Buscou, portanto, trabalhar as oposições que estariam sempre imbricadas quando da separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos – mekarõ – notando relações mesmo especulares, em que os mekarõ viam com a mesma valoração os Krahó – normalmente negativa. A partir de tal constatação, a autora desenvolveu o significado da ideia de duplo – qualidade expressa na etimologia da palavra karõ, singular de mekarõ – observando que ao passo que a sociedade dos mortos doaria princípios de organização e de ética à dos vivos, a partir do que se deveria evitar daquela, a escatologia krahó também apontaria para a possibilidade de uma imagem confortante de continuidade, de permanência. Mesmo com a retomada do capítulo já em 2009, em seu livro *Cultura com Aspas*, a autora afrouxa a postura estruturalista, mas permanece com as conclusões acerca das relações de oposição e que parecem criar certa interdependência entre as duas sociedades.

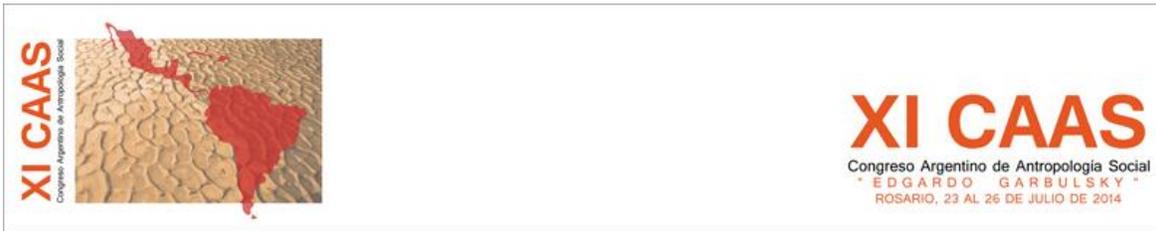
A escatologia a ser estudada – a relativa à Conscienciologia - neste artigo, no entanto, não procede de uma cultura oral, sendo sua fonte altamente racionalizada. O que irá nos interessar aqui, portanto, não é buscar o que subjaz as mais diversas narrativas acerca do itinerário dos mortos, mas, uma vez que estas representações estão pacificamente positivadas, encontrar as relações de ruptura e continuidade em relação ao mundo dos vivos ou mesmo investigar a



morte como parte integrante de uma longa evolução (HERTZ apud Bloch, 1993) e ainda como as oposições entre vida e morte podem acabar por participar da construção da noção de indivíduo. Para este último, apropriaremos-nos do mesmo procedimento de análise de que lança mão Cavalcanti (1983), em seus estudos sobre a noção de pessoa para o espiritismo kardecista, uma vez que neste ponto esta visão de mundo e a Conscienciologia possuem algumas convergências, sobretudo pela proximidade que teve o principal sistematizador desta última com uma grande autoridade do kardecismo no Brasil, como será detalhado mais à frente neste artigo.

Não é nossa intenção aqui delimitar cientificamente as fronteiras entre a Conscienciologia e outras cosmovisões com as quais se relaciona diretamente, como o kardecismo, o budismo, a gnose entre outros. Pelo contrário, o que se buscará em termos de caracterização do fenômeno partirá da literatura produzida pela própria Conscienciologia e reforçada pelo discurso de um de seus tutores que escolhemos por interlocutor. Este tem 24 anos, já teve experiências universitárias nas mais diversas áreas e atualmente cursa Administração na Universidade Federal de Sergipe, curso que pretende concluir. É voluntário do Instituto Internacional de Projeção e Conscienciologia em Aracaju. Para tanto, fez o “curso integrado de Projeciologia”, posteriormente uma extensão na área e passou por uma entrevista. Participou de encontros e experiências práticas em alguns estados brasileiros, em especial em Foz do Iguaçu (PR), onde pode manter contato pessoal com o já citado sistematizador desta cosmovisão. Atualmente se prepara institucionalmente para ser autorizado a ministrar aulas no primeiro curso que fez.

A história e as características centrais da Conscienciologia serão diluídas ao longo do texto com o propósito de não tornar sua aparição repetitiva, caso se concentrassem logo todas as informações numa introdução, bem como para acioná-las de maneira conveniente a cada sessão.



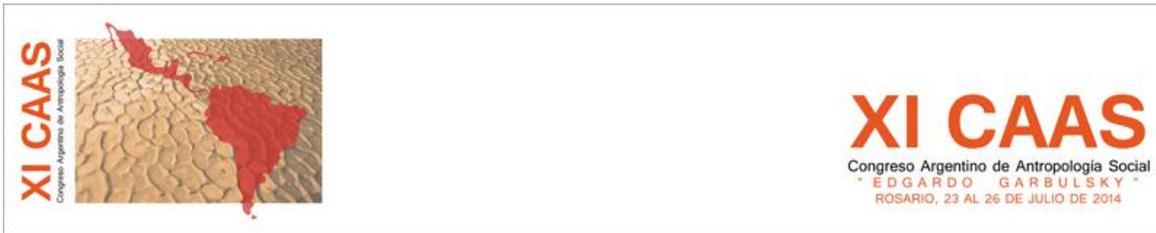
## A conscienciologia: religião ou ciência?

A Conscienciologia se pretende ciência tanto a partir de sua literatura quanto pela perspectiva de seus adeptos. A definição de ciência que advoga, expressa em um de seus compêndios, é muito próxima da concepção moderna:

Ciência (Latim: scire, saber): conjunto organizado de conhecimentos relativos a determinado objeto, especialmente os obtidos mediante a observação, verificação, experiência quanto aos fatos e método próprio; sistema de proposições rigorosamente demonstradas, constantes e gerais, ligadas entre si pelas relações de subordinação; conhecimento que não só apreende ou registra os fatos, mas os demonstra pelas suas causas determinantes ou constitutivas. (VIEIRA, 2009, pág. 11)

4 Nota-se um esforço de se sistematizar este saber nos moldes de uma ciência moderna, construindo racionalmente uma linguagem específica para abordar os mais diversos fenômenos, como propondo também métodos de fundamento empírico para isto. A Conscienciologia se desmembraria, como ciência que se pretende, nas mais diversas disciplinas. Uma delas parece-nos a capital, qual seja, a Projeciologia, que cronologicamente antecede aquela. Como nos informa o site oficial do Instituto Internacional de Projeciologia:

A Projeciologia foi proposta na condição de ciência por Waldo Vieira em 1981, com a publicação do livro *Projeções da Consciência - Diário de Experiências Fora do Corpo Físico*. No mesmo período, na cidade do Rio de Janeiro, foi criado o Centro da Consciência Contínua (CCC), grupo informal de pesquisa que reunia pesquisadores pioneiros interessados no estudo da projeção consciente e das bioenergias utilizando o neoparadigma científico proposto por Vieira, o paradigma da consciência ou consciencial. (<<http://www.iipc.org.br/index.php/sobre-o-iipc/historico>> Acesso em 10 de setembro de 2013)

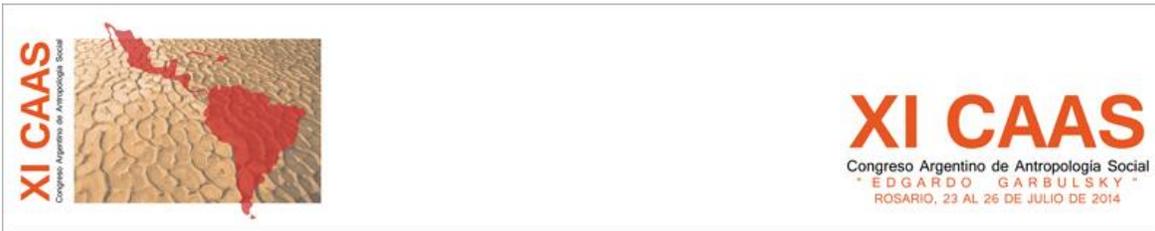


A Projeciologia foi agregando interessados e ainda no ano de 1981 ganhou um centro de estudos no Rio de Janeiro – o Centro de Consciência Contínua. O interesse internacional pela disciplina foi se tornando relevante ao ponto de os centros virarem Institutos Internacionais de Projeciologia. Até que no ano de 1994, como nos informa ainda o supracitado site:

O crescente interesse pela Projeciologia justificou a publicação de um novo tratado em 1994. Nele a Conscienciologia surge na condição de campo científico específico para o estudo integral da consciência, agente do fenômeno projetivo. A obra 700 Experimentos da Conscienciologia, resultado de quase 4 décadas de pesquisas foi lançado no Brasil e na Feira do Livro de Frankfurt, Alemanha. Com o lançamento do novo livro o IIP expande a sua razão social para Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC). (idem)

5

Tem-se portanto, como reforço à pretensão científica, o modelo de centros de cultura e difusão em formas acadêmicas (eles possuem até mesmo um campus no Rio de Janeiro) das mais variadas disciplinas que integram os estudos da consciência como tomada pela Conscienciologia. O background do fundador, Waldo Vieira, munido de forte capital escolar – graduado em medicina e odontologia, tendo feito pós-graduação na área no Japão – também concorrem no sentido de legitimar o saber em questão como ciência. Waldo trabalhou no kardecismo durante 10 anos com o médium brasileiro mais expressivo, Chico Xavier, tendo várias parceiras lançadas com este último, o que explica muitas convergências com a também denominada ciência espírita. Um dos maiores representantes da Projeciologia perante as grandes mídias, Wagner Alegretti também aciona seu capital escolar partindo da linguagem científica que sua formação – engenheiro eletrônico – o capacita a utilizar, bem como discutindo fluentemente em idiomas estrangeiros a disciplina nos mais diversos meios.

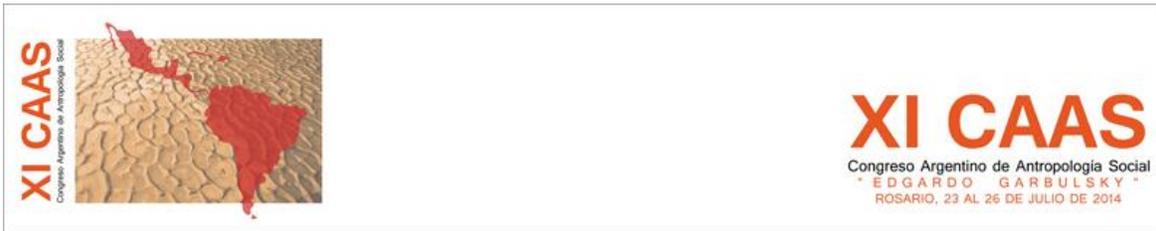


Há, no entanto, uma peculiaridade relevante no que diz respeito à pretensão científica da Conscienciologia. Seu sistematizador lança mão do que batizou paradigma consciencial. Ora, a consciência estaria, no empreendimento conscienciológico, voltando-se voltando a si mesma de modo que seria ela mesma o objeto, o sujeito e a própria ferramenta de pesquisa. As consequências disto, explica-nos nosso interlocutor:

Nesse paradigma consciencial vai entrar a subjetividade. Vai ainda existir a confrontação das ideias, vai ainda existir um método, mas o pesquisador, o objeto de pesquisa e o laboratório de pesquisa vai ser a própria pessoa. E sendo a própria pessoa, vai entrar aí a subjetividade porque não existe indivíduo um igual ao outro.

Faz-se importante também notar o aspecto religioso da Conscienciologia, pois embora se repugnem os dogmas, há uma proposta de evolução consciencial que tem por norte valorações como a e ideia de bem e de comiseração. Estamos entendendo, portanto, a religião como na esteira do professor Rodrigo Portella que, norteando-se por sociólogos da religião como Hervieu-Léger e Pierucci, entende a religião como:

aquilo que confere sentido, ordem, plausibilidade, benefícios e eficácia ao sujeito ou ao grupo. Neste sentido, mesmo projetos ou atitudes “não sacras” - conforme a convenção de que sagrado/religioso estaria ligado a uma religião institucional e a seus elementos próprios -, inclusive atéias, podem se inscrever como religião, em sentido amplo. Este lastro de compreensão de religião se amoldaria, de certa forma, com o processo de secularização que diminui o veio das instituições religiosas como configuradoras da religião e do que é religião para os indivíduos e para o todo social. (PORTELLA, 2006)

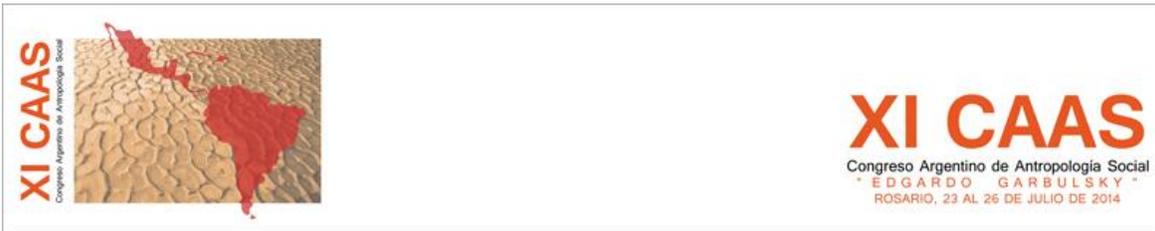


A exemplo de sua “prima mais velha”, a ciência espírita, a Conscienciologia também guarda em sua cosmologia aspectos mágicos como a noção de karma, e, do mesmo jeito que o kardecismo vê na caridade, na mediunidade e no estudo fatores que fariam evoluir o espírito (CAVALCANTI, idem), a Conscienciologia vê na ajuda de uma mútua entre as consciências – a interassistencialidade -, a partir da qual se sairia do estado de egokarma evoluindo-se até o de polikarma, em que, segundo nosso interlocutor, “o indivíduo torna-se mais universalista, rompendo barreiras, desfazendo bairrisimos, não mais colocando lacunas entre o conjunto das pessoas. Então o caminho é chegar a essa polikarmalidade universalista”. Ainda como fatores pró-evolutivos o estudo para o desenvolvimento de uma auto-consciência lúcida e as práticas de manipulação da própria energia do indivíduo.

É notado, por conseguinte, que não se trata de uma religião em termos institucionais, com suas rígidas cartilhas morais, leis e dogmas. Mas de uma cosmovisão que guarda aspectos religiosos, no sentido de que prescreve uma conduta orientada a uma evolução que se completará mesmo “extrafisicamente” tendo por fundamento ideias de bem e de mal, e que admite realidades metafísicas como a lei do karma e algo muito próximo da reencarnação, que é o fenômeno chamado de ressonância, que será melhor detalhado mais à frente. Ter isto em mente nos parece indispensável para entendermos a escatologia conscienciológica.

Portanto, vimos que a pretensão declarada da Conscienciologia, através de sua literatura oficial e de seus adeptos é a de ciência. No entanto, há um paradigma – o consciencial – que parece legitimar o envolvimento subjetivo sem preocupações weberianas acerca de como amenizar essa impossibilidade de neutralidade aproximativa. Além disto, há ainda proximidades valorativas e mágicas com o fenômeno religioso.

### **A constituição da pessoa e a morte**



Baseando-se em Mauss e Geertz, Cavalcanti (idem) vai afirmar sobre a noção de pessoa que “refere-se às diferentes maneiras pelas quais as diversas culturas e sociedades representam o ser humano, o indivíduo empírico. Assim, se o seu conteúdo varia culturalmente, a existência de representações sobre a pessoa é universal”.

É chegado o momento de definir formalmente, para avançarmos, a ideia de consciência com a qual se trabalhará. Podemos afirmar que a consciência seria um princípio individualizado, que tem seu estado primordial e irreduzível no que se chama de ego, confundido-se portanto com este, que é o fundamento dos demais estados de consciência. Este ego, substrato indispensável à existência da consciência, condutor do soma e princípio de identidade, encontra também por sinônimos a alma e o espírito (VIEIRA, idem). Existe uma comunicabilidade consciencial, que permite às consciências participarem mutuamente em sua existência, constituindo uma intervivência. Quando a consciência, multidimensional que é, está projetada no universo extrafísico, comunica-se com outras por via do *conscienciês*. A consciência tem, portanto, uma dimensão intrafísica e uma extrafísica, e sua criação ou emanção, ainda na esteira do fundador da Conscienciologia, permanece desconhecida (idem).

8

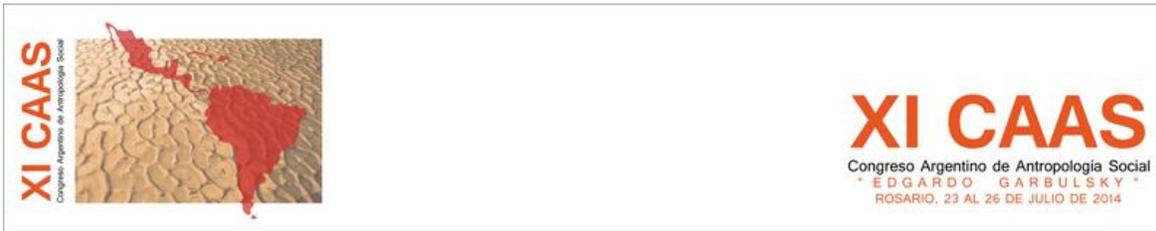
A pessoa, para a Conscienciologia, confundida com a forma através da qual a consciência pode se manifestar, é o arranjo entre quatro elementos, quais sejam, o *soma* – corpo humano enquanto indivíduo da espécie; o *mentalsoma* – corpo mental “o paracorpo do discernimento da consciência” (VIEIRA, idem); o *psicossoma* – corpo emocional, relativo às emoções do corpo intra ou extrafísico; e o *energossoma* – corpo energético, veículo que possibilita a intereção energética da consciência nos mais variados ambientes, estando ela projetada ou não e que tem por apêndice um elemento vital para a compreensão das noções vida e morte intrafísicas - o cordão de prata. A origem deste último é reputada à bíblia, quando, no livro de Eclesiastes em seu cap. 12, vs. 6, ao fazer referência à morte pode-se ler: “antes que o fio de prata se rompa e a taça de ouro se despedace”. O cordão

de prata liga o *soma* ao *psicossoma*, e a sua ruptura é uma das etapas da *dessoma*, da morte. É importante reforçar, ainda, que nenhum desses elementos é isoladamente a consciência ou o ego propriamente ditos, nem mesmo num estado de coincidência entre eles, ou seja, numa condição de *holossoma*. Estes veículos seriam apenas instrumentos, uma vez que não são autônomos em pensamento. Tudo isto é descrito com uma lexicografia própria à conscienciologia.



(Figura 1. Veículos holossomáticos. Fonte: VIEIRA, idem)

Como se pode ver na figura acima, o energossoma envolve e permeia o soma e o psicossoma. Na figura, pode-se constatar uma projeção da consciência,



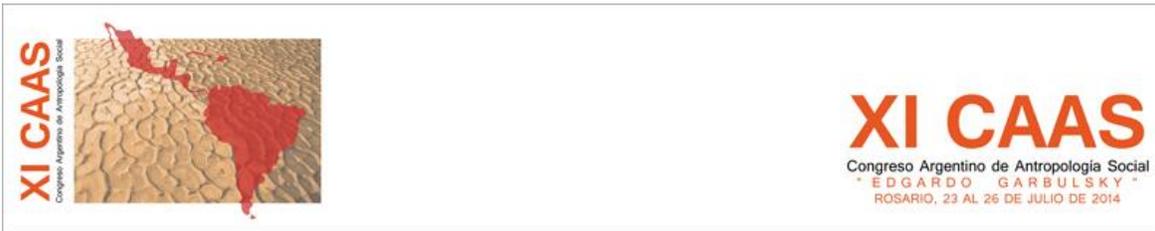
tanto de psicossoma, quanto de mentalsoma. Segundo nosso interlocutor, a projeção da consciência diria respeito a:

Diria respeito à descoincidência dos veículos de manifestação. Ou seja, a separação não definitiva, uma vez que o cordão de prata e o de ouro ainda estão íntegros, dos mesmos. Para tanto, basta apenas que o soma se encontre em relaxamento, facilitando essa projeção. Uma forma muito eficaz para a promoção de tal fenômeno é a instalação do Estado Vibracional, alcançado basicamente pela execução do circuito fechado das energias, permitindo gradativamente a aceleração das energias até que se chegue ao referido resultado. Quanto às técnicas, são mais de 50 propostas no tratado de Projeciologia. Toda pessoa, ao dormir, basicamente em um terço da carga horária diária, projeta-se. A proposta é, então, tornar essa projeção uma experiência lúcida e rememorada, quando o indivíduo volta ao estado de vigília física ordinária no seu cotidiano.

10

Sobre a importância da projeção da consciência para a Conscienciologia, nosso interlocutor nos informa:

Ao se falar de projeção da consciência é interessante que se tenha acesso à primeira obra de Waldo Vieira sobre essa condição, a obra é “Projeções da Consciência – diário de experiências fora do Corpo Físico”. A projeção da consciência permite a expansão da mesma, e a partir daí um acesso muito mais diversificado a realidades mais sutis. Essas realidades são, como por exemplo, o acesso à procedência extrafísica que permite ao indivíduo entender melhor a sua origem, um maior acesso à holomemória – a memória integral da consciência -, ou seja, essa consciência tem a possibilidade de obter informações de toda ou grande parte de sua história. Antes de tudo, permite a assistência a conscins (consciências intrafísicas) e ou consciex's (consciências extrafísicas) encontradas em estados doentios. A projeção permite ainda o exercício da melhora da condição lúcida da consciência em seus diversos níveis conscienciais, podendo entender melhor o processo das energias, em geral ou o processo da unidade de manifestação, que é o pensene, como, por

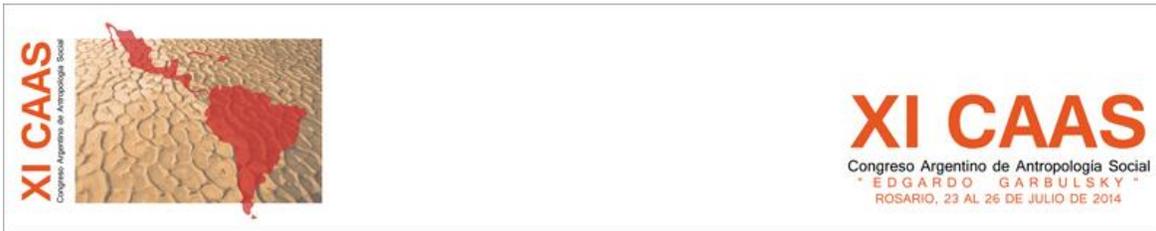


exemplo, entender como o pensamento influi na situação global da consciência, entrando aí estados alterados da consciência, ou xenofenia, parafenômenos, como a clarividência extrafísica, a clariaudiência, autobilocação consciencial – que permite a eliminação do medo da morte, uma vez que a consciência veria que a vida não é composta somente pela matéria -, autoscopia projetiva, autoscopia interna e externa, catalepsia projetiva, o dejaísmo projetivo, a experiência de quase morte, a cosmoconsciência, dentre outros. Com isso, percebe-se então que a nossa realidade extrafísica é multifacetada e personalíssima. A consciência projetada na dimensão extrafísica pode identificar diversos graus de percepção de acordo com o seu pensene e na dimensão mentalsomática, estando aí em um nível muito mais elevado e até incompreensível para a restrição intelectual atual do ser humano.

Nota-se, portanto, que a projeção da consciência oferece a possibilidade da atualização da interassistencialidade consciencial, que já foi aqui tratada; de se desfazer patologias conscienciais e ainda de impulsionar a própria consciência num caminho evolutivo do ponto de vista das deontologia e cosmologia conscienciológicas.

Todas essas noções foram centrais para o entendimento do processo da morte, uma vez que este se dá por etapas, mais ou menos específicas relacionalmente a um ou outro dos elementos aqui trabalhados. A morte: dessoma, desativação somática, é inevitável para todas as consciências intrafísicas. Consiste numa projeção final e se divide em três momentos. Esta divisão se dá por ter a consciência uma procedência situada além do mundo intrafísico. Este fenômeno é estudado por uma das disciplinas da Conscienciologia, qual seja, a Dessomática, que busca investigar os contextos físicos da dessoma, bem como os psicológicos, os sociais e os médico-legais.

A Conscienciologia considera um ciclo de ressonância e dessoma que podem ser tomados a fins didáticos analogamente à encarnação, reencarnação e desencarnação. Quando a primeira dessoma ocorre tem-se a ruptura do cordão de prata, e portanto o desprendimento entre o soma e o psicossoma,



correspondendo à morte física. Nosso interlocutor informa que, nesta fase, há ainda um resquício energético impregnado no psicossoma, e que por volta de três dias seria eliminado. A partir daí se entra na segunda dessora, em que a consciência já se manifesta apenas através do mentalsoma e do psicossoma. Podemos afirmar ainda com base no discurso de nosso interlocutor, que há diferenças entre um psicossoma relativo a uma consciência ressomada e o de uma outra que já passou pela segunda morte, porque a consciência depois desta última vai ter, por exemplo, “uma leveza maior”; quando dentro da ressoma, da vida humana, o indivíduo quando da possibilidade de sair do corpo “sente a leveza do psicossoma, mas ele ainda sente uma atração desse próprio cordão de prata”. A terceira morte corresponde à etapa em que a consciência vai se manifestar tão somente de mentalsoma. Já não teríamos mais o corpo humano, energossoma, nem mesmo o psicossoma. Com esta última, é fechado o ciclo existencial da consciência. Note-se, portanto, que a terceira morte seria uma conquista, pois significaria a libertação deste ciclo.

12

O interlocutor nos conta ainda que a condição em que se permanece quando da terceira morte ainda é muito pouco conhecida pela Conscienciologia.

Mas há também os estados em que a consciência pode restar logo após a primeira morte. Alguns desses estados seriam os patológicos, a exemplo da parapsicose post-mortem, em que a situação de morte não é lúcida à consciência, fazendo com que esta fique ainda presa a condições intrafísicas que a nivelam com as realidades baratroféricas, como nas palavras do interlocutor “a consciência ficaria aí numa espécie de vigilambulismo, sem lucidez, quando nessa condição patológica. Ela pode ainda se enquadrar na *conscener*, ou seja, uma consciência energívora, que se alimenta das energias de outras, pra se restabilizar”. A baratrofera seria uma dimensão extrafísica situada ao redor da terra com que se sintonizam, através de equivalências de padrões energéticos, as consciências doentias, ainda que estas estejam no estado intrafísico (VIEIRA, 2011). O termo deriva do latim *barathrum*, lugar em que se lançavam os

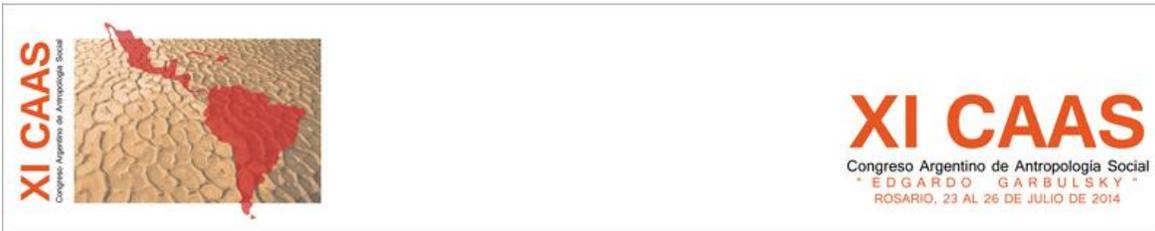
criminosos, e do grego *sphaîra*, corpo redondo. Nas disciplinas que constituem a Conscienciologia pode-se notar o tratamento da baratrofera com alguma semelhança à noção dantesca de inferno (VIEIRA, idem). As práticas interassistenciais já citadas neste trabalho entrariam para sanear este estado patológico, como no caso da *Tenepes*, que consiste numa tarefa energética diária, através da qual se pode ajudar a estabilizar energeticamente outras consciências.



(Figura 3. Prática da *tenepes*. Fonte: VIEIRA, 2009)

Quanto à possibilidade de mediunidade ou de comunicação com os mortos, explica-nos nosso interlocutor:

esta questão de mediunidade é, pra nós, muito diversificada. Tudo parte da ideia de *pensene* – pensamento, sentimento e energia, que são indissociáveis. Então, uma consciência que tem essa unidade de manifestação, ela pode tomar formas diversas: ela pode se transfigurar, mudar de forma – morfopenses.



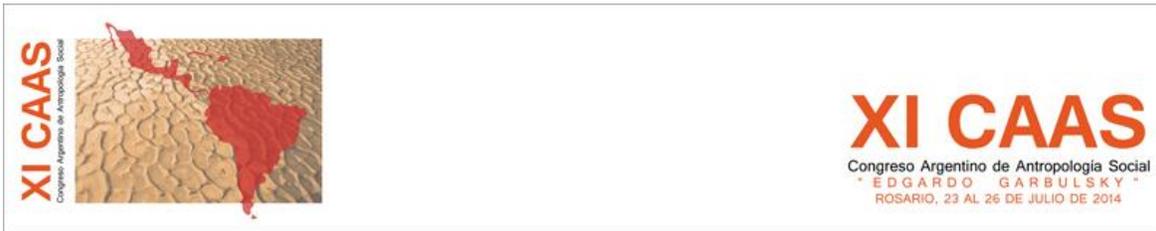
Pode haver casos de a consciência voltar e aparecer pra alguém que tenha a capacidade de vê-la, ou de percebê-la. Mas, o que vai garantir isso são questões mais sutis do que a própria visão ou elementos intrafísicos; o que vai identificar melhor a consciência que tenta restabelecer um contato com aquele que está na dimensão intrafísica são, por exemplo, as energias, o contato *transmental* ou telepático. A própria identificação das interações energéticas permite ao indivíduo que está no intrafísico ter uma capacidade de saber que tipo de consciência é aquela: se ela quer enganar ou não. A partir desse desenvolvimento é que o indivíduo intrafísico vai conseguir perceber aquele que quer reaparecer. Pode acontecer, como acontece pra o espiritismo. Algumas diferenças seriam o fato de que a Conscienciologia procura incentivar ou propor ao indivíduo que ele mesmo tenha a capacidade de ter contato com essa consciência extrafísica, este espírito, e escreva a partir de um consenso com essa consciência extrafísica, o que seria diferente de um caso de psicografia. Seria uma situação mais lúcida, em que a consciência sabe mais o que está acontecendo, então não precisa ser dominada pelo espírito, pela consciência extrafísica que veio tentar contato. Ou mesmo a consciência intrafísica que tentou o mesmo contato.

14

## Conclusão

Vimos, nesta rápida incursão, que a Conscienciologia é uma visão de mundo advogada por seus pesquisadores e adeptos como ciência, que possui alguns aspectos religiosos, como valorações e narrativas metafísicas herdadas – ainda que readaptadas - de religiões orientais e do kardecismo, e que considera a consciência como um princípio de identidade que se utiliza de corpos presentes nas dimensões intra e extrafísica para se manifestar.

Por ter a consciência mais de uma dimensão, a morte – dessora - se dá por etapas, em que os veículos de manifestação daquela são gradualmente descartados. Chegar à terceira e última etapa desta morte seria um privilégio pois significaria sair do ciclo de ressonância e dessora. Em contrapartida, há uma noção semelhante à de inferno experimentada em condições patológicas da consciência,



como no apresentado caso em que se permanece em sintonia energética com a chamada baratrofera, muito embora esta condição possa ser revertida, sobretudo através da interassistencialidade consciencial.

Vimos ainda que existiria a condição de contato direto de uma consciência que se encontra em puro estado extrafísico com uma outra que ainda existe intrafísicamente, mas com a peculiaridade de que este contato dependeria do discernimento e consentimento individuais.

## BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Maurice (1993). La mort et la conception de la Personne. Revue Terrain, n.20.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (1983). O mundo invisível – cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar.

CUNHA, Manuela Carneiro (1978). Os Mortos e os outros – uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. São Paulo: Hucitec.

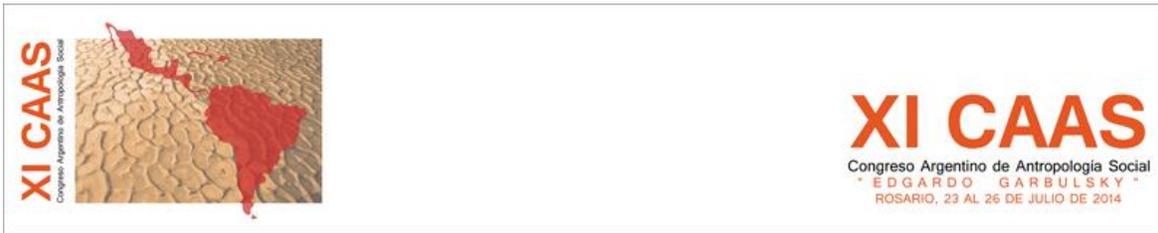
\_\_\_\_\_. (2009). Cultura com Aspas. São Paulo: Cosac Naify.

GLEISER, Marcelo. O fim da Terra e do Céu. O Apocalipse na Ciência e na Religião. São Paulo: Companhia das Letras.

HOFFMAN, Vera (2011). Sem medo da Morte. Foz do Iguaçu: Editares.

PORTELLA, Rodrigo (2006). Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade - da ciranda entre religião e secularização. Revista de Estudos da Religião: ano 2, n. 6.

VIEIRA, Waldo (2009). Projeciologia – Panorama das experiências da consciência fora do Corpo Humano. Foz do Iguaçu: Editares.



\_\_\_\_\_. (2011) Enciclopédia da Conscienciologia – Tomo I. Foz do Iguaçu: Editares.